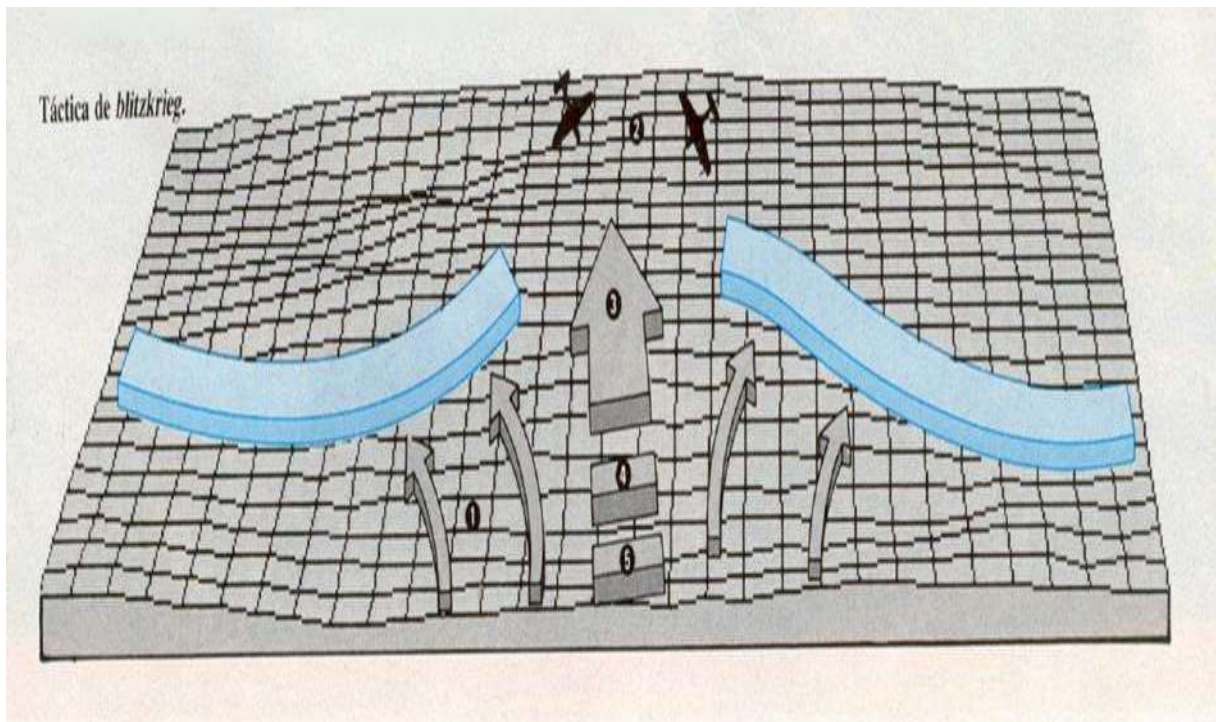


DIA D – DESEMBARQUE NA NORMANDIA. SÍNTESE¹

Abílio Lousada

Os desembarques na Normandia – Dia D – e as acções militares subsequentes representam a maior e mais bem sucedida operação militar conjunta e combinada da História: i) Conjunta porque envolveu forças terrestres, marítimas e aéreas dos Aliados; ii) Combinada porque estamos em presença de uma dezena de países, com destaque para o Reino Unido (RU) e os Estados Unidos (EUA), complementados por forças do Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Polónia e França; iii) a maior porque compreendeu cerca de 3 milhões de militares; iv) mais bem sucedida porque atingiu o estado final desejado, ou seja, a derrota e capitulação da Alemanha Nazi e o fim da 2.ª Guerra Mundial na Europa.

Iniciativa Estratégica da Alemanha



Esquema da tática Blitzkrieg alemã.

Foi através do binómio Carro de Combate-Avião que a Alemanha baseou a sua célebre *Blitzkrieg* (Guerra Relâmpago), que lhe permitiu a obtenção de espectaculares vitórias no início do conflito: baseava-se na estreita cooperação do Exército e da

¹ Palestra aos Cadetes-Alunos da Academia da Força Aérea. Evocação dos 75 Anos do Dia D – Desembarque das Tropas Aliadas na Normandia, 2019.

Força Aérea na frente de combate; no violento bombardeamento de todos os centros de comunicações, linhas de abastecimentos, reservas inimigas e localidades, no uso em massa de espiões e pára-quedistas; e no irresistível impacto de grandes colunas blindadas que actuavam independentes.

O sucesso militar germânico foi de tal forma retumbante na Europa, entre Setembro de 1939 e Julho de 1942, cabendo-lhe a iniciativa da guerra, que em meados desse ano o 'Império Nazi' era uma realidade. Uma realidade de apogeu que conheceria a retracção nos anos subsequentes.

♦ Entre 1 e 27 de Setembro de 1939, a **Polónia** foi esmagada pela máquina de guerra germânica, sendo a sua parte oriental ocupada, cabendo o quinhão ocidental a Estaline.

♦ Entre 9 de Abril e 9 de Junho de 1940, a **Dinamarca** e a **Noruega** foram derrotadas; de 10 de Maio a 22 de Junho do mesmo ano, a **Holanda**, a **Bélgica** e a **França** capitularam, esta última mediante uma ofensiva feita a partir de uma direcção inesperada.

♦ Em seguida, entre 6 de Abril e 2 de Junho de 1941, foi a vez da **Jugoslávia**, da **Grécia**, depois de tropas italianas aí se terem atolado, e da **ilha de Creta**, serem derrotadas.



1939-1941: Iniciativa Estratégica da Alemanha.

♦ Nesse mesmo ano, em 22 de Junho 1941, a Alemanha Nazi invadiu a **União Soviética** (URSS). Tratou-se da maior ofensiva militar terrestre de toda a História (3.200.000 homens), preconizada no *Mein kampf* e imposta por Hitler ao Estado-

Maior da *Wehrmacht*, onde o antagonismo ideológico, as necessidades dos cereais ucranianos e do petróleo do Cáucaso se sobrepuseram ao Pacto de Não agressão de 19 Agosto de 1939, celebrado entre os dois Estados. Pese embora os sucessos retumbantes dos primeiros meses, a Rússia tornar-se-ia num calvário para a *Whermacht*, conduzindo a uma viragem no curso da guerra.

♦ Mas o sucesso durante esse período não se restringiu ao espaço europeu. No Norte de África, depois das dificuldades sentidas pelos italianos, o *África Korps* de Rommel, depois da vitória **Tobruk**, «varreu» as tropas britânicas para a região tunisina.

Insucessos Germânicos

Porém, nesses primeiros anos de guerra nem tudo foi sucesso para a Alemanha.

♦ Justificando uma verdade imutável que a História demonstra desde 1066, a *Luftwaffe* (aviação alemã) falhou na **Batalha de Inglaterra**, não conseguindo aniquilar a RAF (avião inglesa), condição tida como essencial para a invasão das ilhas britânicas. Doravante os alemães sabiam que tinham nos ingleses um adversário tenaz e um ‘espinho cravado nas costas’.

♦ Na verdade, aniquilar o RU ou, no mínimo, manietá-lo, impunha-se, daí uma das razões para a invasão da URSS e o desencadeamento da **Batalha do Atlântico**. Efectivamente, tendo fracassado na sua estratégia de obrigar os britânicos a renderem-se através da batalha diurna ou dos bombardeamentos nocturnos, os alemães tentaram outra forma de ataque. Foi a 3.^a campanha contra o Reino Unido e é, em geral, conhecida como a Batalha do Atlântico.

Hitler estava convicto de que o RU podia ser derrotada através de um ataque aos abastecimentos transportados por mar. Este realizar-se-ia por meio de uma combinação de ataques aéreos e de submarinos às importações. Os comboios do Atlântico passaram, então a ser atacados por vasos de guerra, navios mercantes armados, *U-boots*, minas e bombas da *Luftwaffe*. Assim, a *Luftwaffe* e a *Kriegsmarine* (Marinha de Guerra) procuraram exercer um bloqueio ao RU².

² A conquista da França dera a Hitler bases na costa ocidental de onde podia lançar uma campanha contra o litoral ocidental da Grã-Bretanha. O envolvimento da *Luftwaffe* na Batalha do Atlântico diminuiu a partir de meados de 1941, face à campanha iminente contra a URSS.

♦ A **Batalha de Moscovo** representou outro insucesso. Em finais de Novembro de 1941, o Exército alemão estava praticamente às portas de Moscovo, tendo avançado cerca de 966 km desde Junho. Mas a paragem exigida por Hitler, a inflexão para a zona do Cáucaso e a dureza do Inverno, que chegou «antes de tempo», associado à firme resistência por parte do Exército Vermelho, atrasou a ofensiva. Os homens tinham frio e fome, havia falta de combustível e de bens essenciais. A resistência era tenaz, os moscovitas tinham-se levantado em armas, onde se destacaram três exércitos siberianos. A batalha de Cerco acabou por falhar.

Iniciativa Estratégica dos Aliados



1941-1943: *Iniciativa Estratégica dos Aliados.*

♦ Entretanto, em Outubro de 1942, Rommel é derrotado em **El Alamein** e o **África Korps** fica à beira da ruína. Foi uma derrota de consequências desastrosas para os alemães. À medida que as primeiras forças aliadas avançaram de Oeste e o 8.º Exército de Este, Rommel ficou encurralado e foi forçado a evacuar o Norte de África, deixando-o livre, ponto de partida para a invasão da Sicília e, depois, da Itália.

♦ **Operação Torch** (A maré que veio do Atlântico): O desembarque anglo-americano na África Setentrional francesa teve lugar a 8 de Novembro de 1942. O general Eisenhower encarregou-se do comando supremo da operação, baptizando-a

de *Torch*. Foram feitos três desembarques simultâneos em diferentes pontos da costa marroquina e argelina, para convergir finalmente todas as unidades para a fronteira tunisina, com Tunes como Objectivo.

O avanço inicial foi prometedor, mas a tenaz resistência das forças italo-alemãs provocou a sua paragem numa linha que ia de Oudna até Mateur. Os Aliados perdiam a 'corrida por Tunes'. Mas esta derrota obrigou Hitler a concentrar naquela zona um enorme exército, cuja captura em Maio do ano seguinte deixaria desguarnecido o 'baixo-ventre' da Europa: a Itália.

♦ Em Dezembro, o 6.º Exército é cercado e trucidado pelo Exército Vermelho em **Estalinegrado**. Ficou, assim, quebrado o mito da invencibilidade alemã. Definitivamente, a *Whermacht* estacou e foi obrigada a retroceder e Estaline exige a abertura de uma segunda frente a Oeste.

♦ **Batalha de *kursk***. Entretanto, na frente russa iniciou-se a Batalha de *Kursk* em 5 de Julho de 1943, naquela que foi a maior batalha de carros de combate da 2.ª Guerra Mundial, que se prolongou até dia 12. Nessa altura, Hitler ordenou a sua suspensão face ao desembarque anglo-americano na Sicília, que o obrigou a transferir forças para Itália. De qualquer forma, a partir da batalha de *Kursk* a iniciativa estratégica na frente russa transferiu-se definitivamente para o lado soviético.

♦ **Bombardeamentos estratégicos à Alemanha**: como prelúdio ao adiado ataque através do canal da Mancha, britânicos e americanos decidiram em Casablanca o lançamento de uma campanha aérea estratégica ofensiva (de bombardeamento), sobre a Alemanha. Bombardeamentos iniciados em finais de Julho de 1943, que destruiu grande parte da cidade de Hamburgo e causou cerca de 50.000 mortos. Seguiu-se depois o bombardeamento de fábricas e complexos industriais na Baviera.

♦ **Casablanca – o Eixo quebrado**: Na altura em que as últimas tropas de alemãs de Von Paulus renunciavam a toda a resistência em Estalinegrado, mostrando uma retumbante vitória soviética a Leste, Roosevelt regressava aos EUA após Casablanca. As negociações com Churchill foram difíceis, com pontos de vistas diferentes quanto à estratégia a seguir. Estaline, retido na Rússia pelas operações militares, fizera saber aos seus aliados que a única resolução que lhe interessava nas conversações anglo-saxónicas era a abertura de uma 2.ª frente na Europa.

♦ Operação Husky – Invasão da Itália

O Estado-Maior Americano preconizava um desembarque em França nos meses próximos. E, como queria consagrar a esta investida contra a Europa o grosso das forças aliadas disponíveis, opunha-se a que se estendesse a guerra ao Mediterrâneo.

Churchill propugnava a ideia de um ataque brusco contra o «baixo-ventre» da Europa (a Itália), para efectuar uma eventual união com o Exército russo nos Balcãs, ameaçando, assim, pelo Sul, o «império Nazi». O êxito das tropas de Montgomery que acossavam as de Rommel e tinham atingido, em fins de Janeiro, a fronteira da Tunísia, fortalecia os argumentos de Churchill.

Assim, depois de Churchill manter a promessa de invasão posterior da França, obteve dos americanos a concordância relativa à preparação de um desembarque em Itália. Só faltava fixar o local mais propício para dar ‘este salto’ sobre a Europa. Eisenhower propôs a Sardenha e a Córsega. Mas a situação da Sicília, espécie de ferrolho colocado entre as bacias Oriental e Ocidental do Mediterrâneo, fez a balança inclinar-se para essa hipótese.

Ao saber da decisão de Casablanca, Estaline reagiu violentamente contra aquilo que considerava uma traição por parte dos seus aliados.

Portanto, depois de muitas indecisões, os chefes militares americanos anuíram ao assalto à Península Italiana, não desejando, contudo, qualquer interferência nos preparativos da «Operação Overlord» (nome assumido em Dezembro 1943). Mas os britânicos argumentaram que a «Operação Husky» poderia ser levada a efeito com tropas inactivas da frente norte-africana, que constituiria um excelente ensaio para futuras operações anfíbias.

Esta Operação funcionaria como um ensaio para o desembarque na Normandia, não prevendo um plano imediato de invasão da Itália. Mas a queda de Mussolini (25 Julho 1943) ofereceu a oportunidade de alargar os objectivos iniciais. A campanha italiana foi, assim, uma operação secundária, válida como instrumento de desgaste de material e pessoal alemão. Na verdade, a invasão da Sicília foi provocada mais por razões políticas que militares e as suas repercussões foram também políticas: a ruptura do Eixo Berlim-Roma.

Do lado ítalo-alemão, depois da queda de Tunes, do desastre em Estalinegrado e da retracção o pessimismo instalou-se. Além disso, Hitler e

Mussolini estavam convencidos que o ataque dos Aliados teria lugar na Sardenha ou na Grécia³.

A 9 de Julho, mais de 3 000 embarcações saíram dos portos da África do Norte para se reunirem nas águas de Malta. A Operação Husky, 1.^a operação anfíbia de importância preparada pelos aliados, estava em marcha. Quase 150.000 homens iam pisar solo europeu a 10 de Julho de 1943. Trinta e nove dias mais tarde, toda a Sicília encontrava-se em poder dos Aliados.

Operação Overlord – Indefinição Alemã

No início de 1944, o Estado-Maior alemão estava 'às escuras' em relação à data e aos locais de desembarque na Europa Ocidental. Face ao estudo das fases da lua e das marés, às restrições de viagens aéreas civis de e para Inglaterra e à intensificação de ataques e reconhecimento aéreos, apontaram 18 de Maio como a data mais provável. 'Inexplicavelmente', tal não se verificou.

Também sobre o local, as indefinições eram muitas: da Noruega a toda a costa europeia. Inicialmente, o desembarque apontado para o canal da Mancha era visto como uma simulação aliada. Aventou-se então o Mediterrâneo. Depois, a 27 de Abril, face aos relatos da espionagem, olhou-se para a Noruega. Um mês depois, em meados de Maio, os sectores vistos como mais ameaçados iam do Escalda (costa portuguesa) à Normandia, bem como a costa Norte da Bretanha.

O OKW (Estado-maior da *Whermacht*) precisava de fechar o leque: da Bretanha à Península de Contentim, assim o definiu Hitler. Mas as três componentes das Forças Armadas não concordavam. Olhando para a distância marítima a percorrer, locais que facilitassem os desembarques e o eixo terrestre para o interior da França, apontam que o desembarque será entre Pas-de-Calais e o Estuário do Somme.

Opções de Desembarque na Costa Francesa – Alemães

A partir do momento que os alemães assumiram a costa francesa como local de desembarque, o problema era onde: i) Calais, dada a proximidade e facilidade para emprego de meios aéreos e navais. Por isso estava fortemente defendida e em constante reforço de capacidades; ii) entre o Somme e o Havre as altas escarpas

³ Confusão gerada pela «Operação Cadáver», preparada pelos serviços de espionagem britânicos. Portanto, à semelhança do que aconteceria no Dia D, também Hitler falhou, na Operação Husky, na percepção do local de invasão pelos Aliados.

tornavam o desembarque improvável; iii) na costa da Normandia, ponto longínquo do Sul de Inglaterra, a probabilidade não era elevada; as baterias do Havre impediriam a frota Aliada de desembarcar. Neste âmbito, Rommel apostava na baía do Sena; iv) de Contentim a Caen era possível desembarcar; v) na costa a Oeste de Cherburgo era difícil devido aos ventos de alto-mar.

Opções dos Aliados

Para os Aliados, as opções tidas em conta eram: i) Pas-de-Calais, que tinha a vantagem da proximidade e de facilidade de emprego de meios aéreos e navais. Mas tinha desvantagens, como os acessos para o interior do território francês, não haver bons portos nas proximidades e as defesas alemãs serem fortes. E era ali que o inimigo esperava o desembarque; ii) Península de Contentim, que apresentava a vantagem de se poderem apoderar de Cherburgo com celeridade. Mas não tinham aeródromos e podiam ficar encalhados na costa; iii) Sector de Caen (Normandia), onde as defesas alemãs eram fracas, havia boas praias e que eram abrigadas dos ventos Oeste, além de permitirem o estabelecimento de aeródromos. A desvantagem era o afastamento das bases aliadas que reduzia a eficácia da Força Aérea.



Opções de Desembarque Aliado na costa francesa.

Na verdade, a não ser que fosse claro que os alemães apostariam aí o esforço da sua defesa, os Aliados assumiram sempre que o desembarque seria entre o Orne e o Vire, na Normandia. E assim impunha-se desviar a atenção dos alemães, até porque estes lutavam contra o tempo disponível para concentrar artilharia potente e em quantidade nas zonas de defesa.

Preparação da Operação Overlord

♦ Ao contrário dos alemães, o comando aliado era centralizado no general Americano Dwight Eisenhower, comandante supremo das Forças Expedicionárias Aliadas (SHAEF). Contava como adjuntos os seguintes oficiais generais ingleses: o marechal do Ar Arthur Tedder (componente aérea); almirante Bertrand Ramsay (operação Neptuno) e o general Bernard Montgomery, nas operações terrestres.

♦ Ao longo de vários meses concentraram-se forças militares em crescendo para lá do dia D, até aos 3 milhões de homens, sobretudo anglo-americanas, mas também australianas, neozelandesas, uma divisão polaca e uma francesa. A que acresce 16.000 aviões (caças, bombardeiros de reconhecimento, transporte, planadores) e uma frota naval com 6.000 embarcações. O Sul de Inglaterra transformou-se num imenso porta-aviões e base logística.

♦ O Segredo Bigot: i) limitação de acesso de Informações a civis; ii) militares em número reduzido e certificados; iii) salas de operações trancadas e vigiadas; iv) não acesso a zonas costeiras; v) controlo de correspondência de civis e militares; vi) controlo de actividades diplomáticas.

♦ Captação de Informações sobre Actividades Alemãs: i) comandos militares treinados para o efeito; ii) espões; iii) resistência francesa, que intensificou acções de sabotagem em território francês contra a ocupação alemã, particularmente vias-férreas e linhas de comunicação, para dificultar futura reacção e contra ataques aos desembarques; iv) fotografia aérea através de aviões de reconhecimento.

♦ Decepção Fortitude: i) falsas informações para os espões inimigos em Dublin, Genebra e Estocolmo; ii) alto comando alemão com indicações de vária ordem que o desembarque seria em Pas-de-Calais, em Julho, e que a Normandia se apresentaria como zona de diversão; iii) mais acções de reconhecimento e bombardeamento aéreos em Pas-de-Calais do que noutros locais, Normandia incluída; iv) Na zona de Dover (defronte a Calais), existência de unidades, viaturas militares e lanchas de desembarque artificiais e/ou fictícios, onde se instalou o

general George Patton enquanto eventual comandante da operação aliada; v) envio de falsas informações para criptólogos e gentes alemães recolherem; vi) navios de abastecimento de tropas colocados na Escócia, ou seja, fora do alcance da percepção alemã.

♦ Para os Aliados, o dia da invasão devia ser claro para permitir lançar os paraquedistas durante a noite e facilitar o apoio e bombardeamento aéreo das posições alemãs. Também era tido por importante não desembarcar com a maré alta, de modo a evitar os obstáculos à beira-mar e ter um oceano tranquilo para facilitar a travessia das embarcações.

Conceito de Defesa Alemão

♦ A primeira e mais gritante falha germânica prende-se com a falta de unidade de comando: o marechal Rundstedt era o comandante da Frente Oeste da guerra e o marechal Erwin Rommel foi designado por Hitler como o responsável pela «Muralha do Atlântico», onde a falta de entendimento operacional foi a nota dominante.

Depois tudo era muito difuso: i) a Marinha (almirante Raedar) era responsável pelo combate no mar. Mas a sua artilharia pesada estava desembarcada em terra; ii) feito o desembarque aliado, a responsabilidade dos combates recaía sobre o Exército; iii) a *Luftwaffe*, em terra ou no ar, dependia de Goering; iv) os blindados (reserva estratégica) só actuavam mediante autorização do OKW e/ou do próprio Hitler; v) as tropas *Waffen* SS dependiam de Himmler.

♦ Rundstedt e Rommel trabalhavam desfasados. No limite, Rundstedt não acreditava nas virtudes da «Muralha do Atlântico», a não ser para retardar os desembarques e a progressão aliada. As forças desembarcariam e atacariam num ponto de rutura específico, passariam pelas fortificações e, então, um corpo militar concentrado e móvel atirava-os para o mar. Para esse efeito, solicitava a Hitler mais divisões de infantaria para defender e reservas de tanques para contra atacar. Ou seja, para Rundstedt o trunfo alemão eram as unidades panzer, no que era apoiado por Guderian.

Rommel acreditava que os aliados podiam e deviam ser batidos nas praias, ou seja, não podiam por o pé em terra firme, desde que as defesas costeiras (minas, obstáculos, bunkers) fossem melhoradas e, sobretudo, que fossem disponibilizados mais meios de artilharia pesada (o que não aconteceu). Rommel opinava que a

supremacia aérea aliada impediria a concentração e movimentação de tropas blindadas e apeadas à retaguarda.

Preconizava, então, os seguintes passos de acção: i) lanchas aliadas estariam ao alcance do fogo a 300/400mt das baterias, ninhos de morteiros e armas automáticas; ii) depois as lanchas chocam contra as construções metálicas, minas, ouriços checos e estacas, que rasgam os cascos as param; iii) os soldados que chegarem as praias são então recebidos pelos lança-chamas e minas anti pessoal; iv) nas dunas são recebidos por mais minas, fogo cruzado e granadas; v) as saídas das praias estavam fechadas por obstáculos anti-carro e minas; vi) surge então a denominada «Linha Rommel» e os seus sistemas de trincheiras que liga os bunkers e os ninhos de metralhadoras; vii) na retaguarda existe uma linha de fortificações com 3 a 5 km de comprimento; viii) então, e em caso de necessidade, as reservas de blindados efectuariam os contra-ataques.

Os Problemas da Defesa Alemã

♦ Mas Rommel raciocinou, logo à partida, assente em dois equívocos: o desembarque seria em Pas de Calais, onde as poucas peças de 406 e 280 polegadas foram colocadas, e que não ocorreria em maré alta,

♦ Depois, a defesa alemã apresentava problemas de difícil resolução: i) a solidez da defesa não era uniforme ao longo da costa atlântica; ii) a tropa alemã era relativamente fraca e/ou inexperiente (demasiado jovens, como os «Baby Divisions», muitos velhos e alguns mutilados, devido às obrigações da Frente Leste) e os efectivos eram uma miscelânea de nacionalidades, de questionável coesão; iii) o tempo disponível, para melhorar determinadas zonas defensivas e treinar as tropas, era escasso; iv) a dependência hierárquica era, como referido, difusa; v) os Aliados tinham exclusividade aérea; vi) a fonte aliada em homens e material era quase inesgotável; vii) os alemães não contaram com os máquinas do general Percy Hobart, concebidas para fazer boiar blindados na água, passar nas areias molhadas, destruir campos de minas, estender pontes, rasgar faixas de terreno para facilitar a progressão, arrasar fortificações de betão, rebocadores, etc.

♦ Em suma, a extensa e desigualmente defendida «Muralha do Atlântico» representava mais uma ameaça do que uma realidade efectiva.

O Dia D – 6 De Junho de 1944

Aliados

Ao longo do segundo semestre de 1943, os Aliados foram testando as defesas alemãs em vários pontos da costa. Sucessivamente rechaçados, a confiança instalou-se em Berlim e a necessidade de ampliação e treino das forças nos Aliados.

♦ Os Aliados decidiram desembarcar entre a maré alta e a baixa. A operação foi sucessivamente adiada para ampliar meios humanos, disponibilidade em material e capacidade técnica. Passou de 1 de Maio para 31 desse mês, apesar de a 2.^a quinzena apresentar condições atmosféricas boas, e fixou-se em 5 de Junho.

A partir de 3 de Junho o tempo deteriorou-se ao nível das marés, da chuva e do vento forte. Sobreveio o dilema: ou se avançava até 7 de Junho ou se adiava a Overlord por semanas. Situação que acarretava problemas: i) não desiludir/desconfiar Estaline; ii) impedir que a iniciativa da guerra estivesse do lado dos russos; iii) o tempo suplementar permitiria a Rommel melhorar as defesas, nomeadamente na Normandia; iv) sabia-se da experimentação das novas armas de Hitler (as V1);v) e, principalmente, havia milhares de soldados prontos para entrar em acção, muitos estavam já embarcados ou em movimento e outros eram sabedores do destino final. Adiar a operação era um risco maior que atacar sem o pleno de condições favoráveis.

♦ A invasão desenvolver-se-ia em dois tempos: i) inicialmente, garantir uma testa-de-ponte e cabeças-de-praia e desembarcar divisões, material e viaturas; ii) conseguir um porto para dar seguimento às operações de desembarque e apoiar a progressão de tropas para o interior do território francês.

♦ Eisenhower esperou um dia e atacou a 6 de Junho. Os desembarques seriam efectuados em 5 praias da Normandia: i) Utah e Omaha pelo I Exército dos EUA, do general Omar Bradley; ii) Gold, Juno e Sword pelo II Exército do RU, do general Dempsey. No final do Dia D deviam estar garantidas duas testas-de-ponte na costa de Contentim e entre o Vire e o Orne. Unir-se-iam em D+1.

♦ Cronologia da Operação: i) a partir das 00 horas, a Força Aérea começou a largar toneladas de bombas sobre as defesas alemãs, entre Cherburgo e Havre e, para iludir, sobre Pas-de-Calais; ii) às 01.30 horas, 20.000 paraquedistas (Três Divisões) foram largados atrás das posições alemãs (Sainte-Mère-Eglise; Carentan; Caen), destinados a ocupar pontos fortes, defender pontes e desorientar o inimigo; iii) ao alvorecer, novos raids aéreos sobre a costa, existindo dificuldades de guiamento

das bombas devidos às nuvens cerradas e baixas; iv) antes da invasão propriamente dita, irrompeu o fogo intenso da artilharia naval e a operação dos 226 rangers em Point-du-Hoc; v) entre as 06:30 e as 07:20 horas desenvolvem-se os desembarques nas cinco praias.

Alemães

♦ Face às condições meteorológicas, de Pas-de-Calais a Cherburgo vigiava-se de forma descuidada e acreditava-se que os Aliados não atacariam nos próximos 15 dias: i) Rommel foi para Herrlingen, na Alemanha, para o aniversário da mulher; ii) o seu CEM, general Speidel, recebia hóspedes em La Roche-Guyon; iii) o Cmdt do VII Exército (15 divisões, 3 das quais Panzer), general Dollman, ausentou-se; iv) o comandante da 709.^a Div Inf partiu para Rennes; v) Hitler permanecia tranquilo em Berchtgarden.

♦ Nos locais de desembarque os meios de fogo alemães eram poucos: i) 8 peças de artilharia pesada; ii) 35 peças anti-tanque; iii) 85 metralhadoras fortificadas; iv) infantaria com armas ligeiras, granadas e morteiros.

Dia D e Seguintes

Aliados (Consolidar Posições)

♦ Os Aliados preconizavam desembarcar 8 divisões no dia D, 5 divisões em D+1 e mais 21 divisões até D+12.

♦ Em Omaha, os americanos (bombardeamentos acima das nuvens falhados e não utilização dos «Brinquedos Hubart») foram detidos com pesadas baixas (quase 3.000). De tal forma que, ao fim do dia, mal tinham resistido na praia. Em Gold também os britânicos enfrentaram sérias dificuldades, mas nos flancos (Utah, Juno e Sword) os progressos foram uma realidade (c. 10 km).

♦ Ao fim do dia quase 150.000 homens estavam nas praias e havia a registar cerca de 10.000 mortos. Lutava-se para romper a «Muralha» e estabelecer uma frente contínua.

♦ A 11 de Junho, as praias estavam ligadas. A 13 de Junho, os Aliados tinham desembarcado 326.000 homens e 54.000 veículos. A 17 de Junho, 600.000 militares e 100.000 viaturas estavam em terra. O importante porto de Cherburgo foi conquistado a 27 de Junho. A 2 de Julho, 2 milhões de homens e 500.000 toneladas de abastecimentos estavam em terra. Os avanços foram lentos, mas firmes.

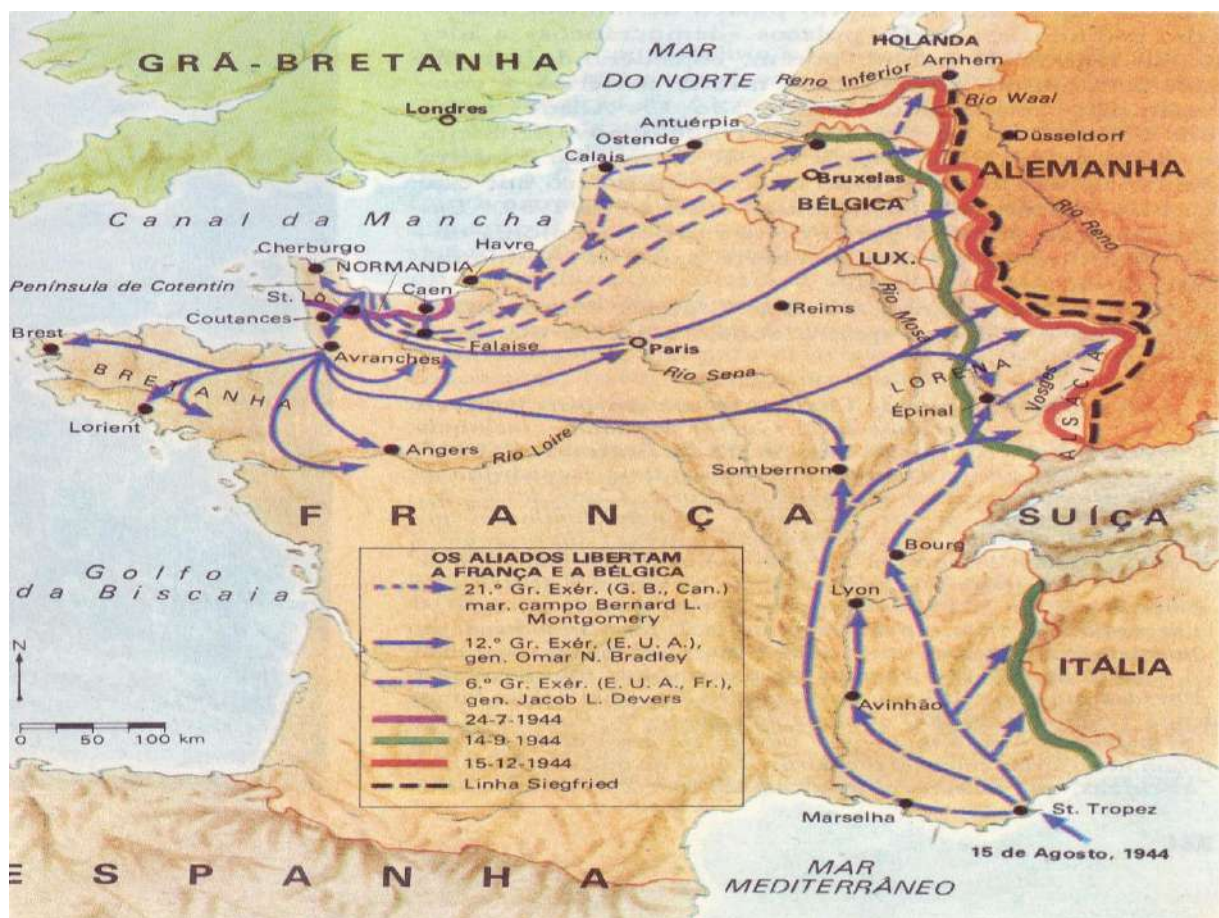
O grau de dificuldade da progressão mede-se pela tomada de Caen, que devia ter ocorrido no próprio dia da invasão e só se materializou em ... 7 de Julho.

Alemães (Rechaçar os Aliados para o mar)

Por todas as razões apontadas, a reacção alemã ficou aquém do esperado pelos Aliados, excepção feita em Omaha e Gold.

O único ataque violento foi efectuado sobre os britânicos, através da 21.^a Divisão Panzer, durante a tarde, altura em que Rundstedt teve autorização de as movimentar pois, até ao princípio da tarde, ninguém teve coragem de acordar Hitler. Rommel, entretanto, só chegou ao local cerca das 18 horas, para ver que na Normandia a invasão não podia ser travada. Correndo o risco de ficarem isolados, os defensores foram retirando.

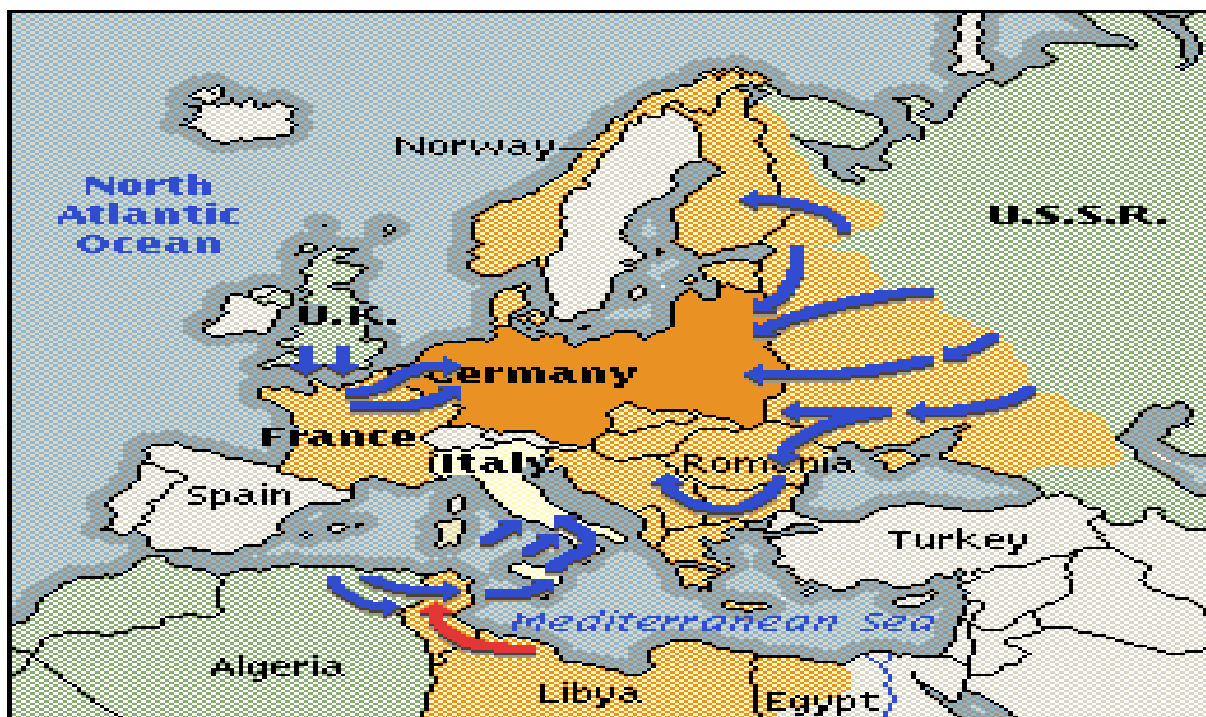
♦ A partir de D+2, Rundstedt lançava contra-ataques desenfreados em toda a frente com as três Divisões Panzer, sofrendo muitas baixas durante os movimentos. Entretanto, o XV Exército (16 divisões, 10 das quais Panzer) permanecia imóvel e inútil em Pas-de-Calais, à espera da 'verdadeira invasão'.



Dia D e Seguintes.

♦ Não perdendo tempo, os russos intensificaram as acções ofensivas a Leste. Hitler estava estrategicamente fixado e começava a ficar cercado.

O Fim



Finais de 1944. Alemanha estrategicamente sitiada.

Referências Bibliográficas

- AA.VV, *Grande Crónica da II Guerra Mundial*, Lisboa, Selecções do Reader's Digest, 3 Volumes, 1978.
- BECKETT, Ian, *Illustrated History of World War II*, Bison Books Corp, Greenwich, 1988.
- BERTIN, Claude e KRIEG, E. *Grande Crónica da II Guerra Mundial*, Alfragide, Ediclube, 15 Volumes, 1995.
- CHURCHILL, Winston S., *Memórias da Segunda Guerra Mundial*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2.ª Edição, 1995.
- GILBERT, Martin, *A Segunda Guerra Mundial*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2 Volumes, 1989.
- GRANT, R. G., *1001 Battles that Changed the Course of History*, London, Quintessence Editions Ltd, 2011.
- MATANLE, Ivor, *Worlds War II*, New York, Colour Library Books Ltd, 1989.

- PARKER, R. A. C., História da II Guerra Mundial, Lisboa, Edições 70, 3.^a Edição, Julho de 2006.
- PRESTON, Anthony, *Decisive Battles of Hitler's War*, London, New Burlington Books, 1988.
- MACDONALD, John, *Grandes Batalhas da II Guerra Mundial*, Diário de Notícias, 1989.